

VOCÊ SABE O QUE ACONTECEU EM MONTES CLAROS DIA 13 DE AGOSTO DO ANO PASSADO?

A década de setenta do século XX estava chegando ao seu final deixando gravada

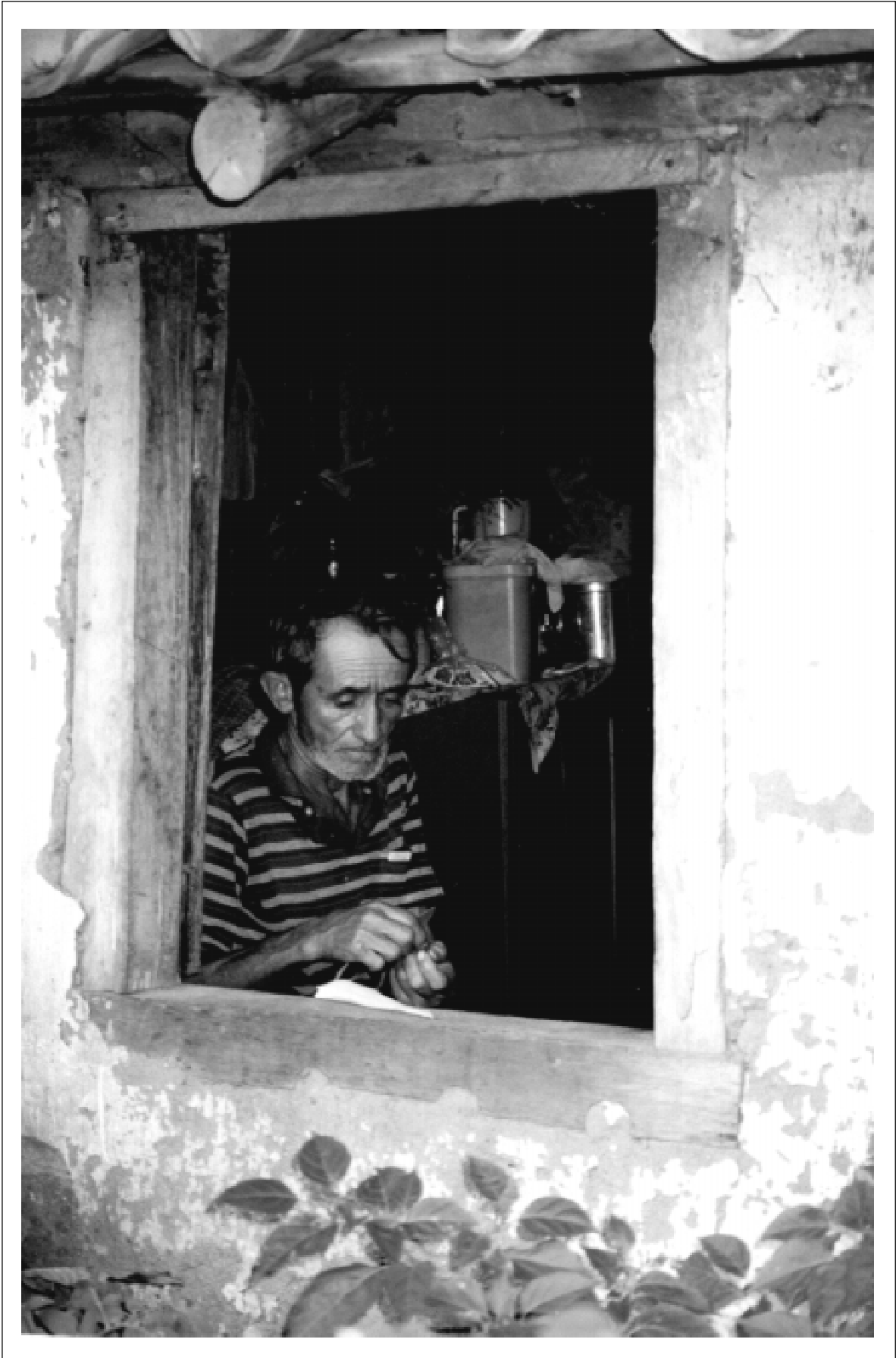
na história de Montes Claros sua passagem definitiva para um espaço eminentemente urbano. A migração rural era intensa, quando, em 1978, lançamos o livro “Você sabe o que aconteceu em Montes Claros dia 13 de agosto do ano passado?”. É o esboço de uma tênue tentativa de alertar o povo da roça para o que estava acontecendo. O livro é dividido em histórias, cujos personagens vão se encontrando, vindos de algumas regiões, numa linguagem simples, quase um levantamento do vocabulário, das expressões, da entonação, da musicalidade e da linguagem caipira. A narrativa não é linear e se impõe num ritmo como se, independente de mim, lute para que o livro seja capaz de deter aquela avalanche inesperada e violenta que se abatera sobre as famílias de trabalhadores rurais e pequenos sítiantes, obrigados a migrar para Montes Claros.

Mas, do meu lado, eu queria também, inspirado por Darcy Ribeiro, Paulo Freire, Guimarães Rosa e Bob Dylan, retratar com certa fidelidade a cultura caipira. Chegamos a sonhar que estaríamos mudando os rumos da literatura regional brasileira, usando, sem a gente saber direito, uma linguagem rural/urbana, fazendo da literatura testemunha de sua época, crítica, mas com muito amor às coisas do sertão e de seu povo. A maioria das personagens do livro eram vivas na época. A obra não apresenta um herói salvador. Não existem personagens clássicos como Dom Quixote e Sancho Pança. Ou Riobaldo e Diadorim. Parece que nem tem autor, porque o sentimento coletivo invade o livro e, se desta vez, o povo ainda não é o sujeito de sua própria história, pelo menos, toma conta de um livro, faz história, especialmente as mulheres, que são suas condutoras.

Eu e Seu Luís

Foi nessa era, como se diz, que conheci Seu





Luís. Passamos a ser grandes amigos. A histórias que ele começava a me contar são parecidas demais com algumas histórias do livro e, se eu e Seu Luís conseguirmos segurar o estimado leitor nessa leitura até o final, saberemos, eu e Seu Luís, que teremos um grande amigo.

Quer ver, escuta. Esta é uma história que pode até arrancar lágrimas de quem tem saudades de chorar. Ah, eu, meus olhos já estão calejados. Rhum. Mesmo assim, as lágrimas vêm sempre desordenadas por dentro e invadem, quentes, nossos pobres olhos. Seu Luís mesmo era um coração em lágrimas. Apesar de ter percebido, durante nossa sincera amizade, e de já saber de entrecos difíceis de sua vida, via que ele não era homem de chorar à toa. Um ser de casca frágil e cerne forte, como árvore do cerrado. São coisas assim que fazem a história de um homem. De um pai de família, seja ele quem for.

São por essas e por outras que insisto em contar a história de Seu Luís, comentar um pouco dessa cultura caipira, sua retirada migratória para a cidade, sua expressão, sua resistência, sua sabedoria e, naquele instante, seu medo, de estar vivendo incertezas humanas profundas.

Nesse encontro marcante com Seu Luís, as coisas que mais me impressionaram foram sua fé inabalável de que tudo ia dar certo. Depois, a saudade que ele e sua família nutriam do Rio Verde. Vivia como se o rio fosse parte inseparável do seu imaginário e de sua vida. Estava sendo uma separação dolorosa, como se abandonar as águas daquele rio fosse, como diz o outro, covardia sua. Como se tivesse sido dele a decisão de deixar tudo e partir. Se eu pudesse eu teria construído outro rio Verde só para Seu Luís.

No entanto, eu sei, o canto das águas do Rio Verde permeiava os sonhos do meu amigo, quando, à noite, ele conseguia dormir.

Nós sempre chamamos este rio de Rio Verde. Nem nunca soube que seu nome fosse Verde Grande. Estamos sabendo agora. Certamente, Seu Luís não sabe até hoje. Nem sabe que sua história está na “Revista Verde Grande”. Ele me pediu que contasse a sua história para que, um dia, seus netos lessem e aprendessem que, tudo que ele passou, foi para que eles fossem gente, cidadão, e não miserável, como hoje tem muito por aí. Gostaria de saber se o leitor concorda com Seu Luís para a história seguir adiante. Pois, então, vamos rompendo.

Finzinho de 1979, quando regressamos a Montes Claros para o lançamento do livro, encontramos um (meio?) ambiente quente de movimentos culturais na cidade. “Você sabe o que aconteceu em Montes Claros no dia 13 de agosto do ano passado?” levantava a poeira do sertão e apresentava a cultura caipira como ícone do movimento.

O ArteBoi trazia artistas importantes a Montes Claros. A cultura *hippie* se mostrava presente. Havia uma forte ligação com o Clube da Esquina, de Belo Horizonte. Eram muitas coisas acontecendo. Grupo Raízes lançando disco novo, fase mineira, com Cori Gonzaga e Elcio Lucas, mas sem Ângela – a capa do disco estampava a criação de Joaquim. Carlos Alberto Prates Correia e Paulo Henrique Souto lançando “Cabaré Mineiro”. O Tapuia lançando “A Formiga...”, de Reginauro Silva, uma reflexão jovem e satírica da cidade. A música, o teatro, a dança, a capoeira, os órgãos estudantis: Paulo César Almeida Pai, Benedito Said, Cornélia, Ernesto Figueiredo, Porretinha, Marretinha, Luciano de Jesus, Geraldo Boca, Mironi, Guty, Juca Neto, Pau Terra, João Curió, Zé Figueiredo, Zé Vicente e sua gente, Aldo Pereira, João Marques, Felipe e Zefrancisco Gabrich, Miguel Vinícius, Marlene, Manoel Oliveira, Sandoval, Grupo Aroeira, Gelson GD Dias, “O Aprendiz de Feiticeiro” de Fátima Maia, Durval Santos e

Darlan Rêgo pegava pesado.

Lídia, Juquinha, Celsão Leal, Aroldo Pe-
reira, Reinilson, Hilton Preto, Céu & Ter-
ra, os Maciel, Gêra, Altino, Tuzinho, Cau,
Eduardo, Luciano, Hamilton, Suely e Míriam.
Cura, Jandim, Eugênio Magno, Ginim e
Tiãozinho Comunista, Jason de Moraes,
Eduardo e Reco Brasil, Amelina Chaves,
Terezinha Lígia, Joba Costa, Agreste de
Braúna, Pedro Boi, Manoelito, Tom Andrade;
Flávio era Badaró.

Josecé Santos, Zé do Jeep, Tico Lopes, Jojô
Machado, Fatel, Celinha Macedo, Tina, Geral-
do Paulista e Wanderdaick, Wandaick, Banzezé
Colares, Olinto Silveira e Dona Yvonne,
Hermes de Paula, Raquel Mendonça, Eduar-
do Guimarães e Rita, Egídio, Adriano Men-
donça, Luís Carlos Peré Perereca, Dimas, Alan,
Zé Arlen, Antonieta e Irene Silva, Cabaré e
Buteco, Hélio Patão Guedes, Tiupas Beatles,
Valmir Melancolia, Dandão, Boão, Tiãozim do
Conservatório, Marcelo Andrade, Juquita e Rui
Queiroz, Cuca Moon, Ray Mendes, Gueu,
Magna e Magda, Helvécio, Wallen Medrado,
Marcelo Godoy, Liz, Licão, Júnior Souto, Jor-
ge Santos e Takarashi.

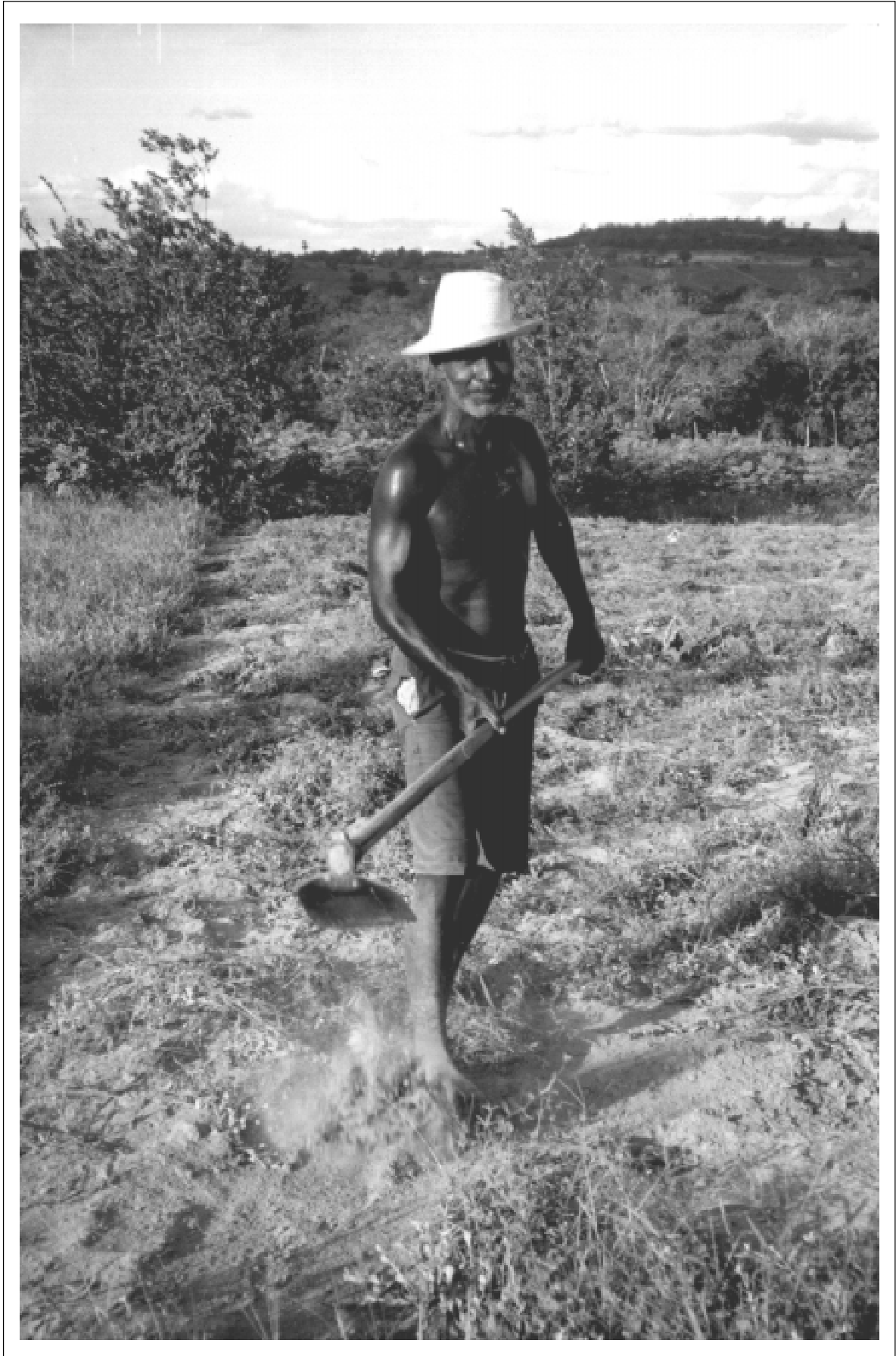
Ceres, Elinha Parrela, Lirol, Agápio e Giovana,
Fabim Marçal, Luis
Tadeu Paulista, Síl-
via Suckeveris, Ró,
Grupo de Seresta
João Chaves, Mário
Boy, Gabriel, Eltho-
mar Santoro e Ismo-
ro da Ponte, Ricardo
e Marden Barros,
Benson, Jeribanda
com João, Léo, Artur,
Bob Marcílio, Ney e
Brutus. Paulim e
Marquim Ribeiro. A
Folia de Reis de Mon-
te Alto, de Otaviano

Quirino e com os foliões de Seu André Quinca
de Nêgo, Adriano, Aristão; Agnelo sem chine-
lo.

Algumas iniciativas de grupos e vários ar-
tistas antecederam o movimento, desta-
que para Nivaldo e Clarice Maciel, Charles
Boavista e Tino Gomes, Aline Luz e O
Ratibum. Este movimento lançaria nomes
para o cenário nacional como Zé Côco do
Riachão e Téo Azevedo, além de dar base
para a vida artística de muitos profissionais
reconhecidos em várias partes do país, artis-
tas plásticos como Sérgio Ferreira, Ray
Collares, Márcia Prates, Roberto Marques,
Afonso “Belão” Teixeira, Biolla, Carlos
Muniz, João Rodrigues, Argentino Sidônio,
Valmir Alexandre e os mestres Konstantin e
Godofredo Guedes. Montes Claros tornava-
se um marco importante de política cultural
para a região.

Vivendo fora de Montes Claros, mas par-
ticipando também, devagar e sempre,
estavam Yuri Popoff, Armênio Graça, Eduar-
do “Góia” Lima, Lélis, Joaquim Carlos, Beto
Guedes, Lulu Guedes e até artistas do porte
de Murilo Antunes e Tavinho Moura, vinham
beber água (que nem todo passarim bebia) na
fonte.







O governo era comandado pelos militares. Montes Claros convivia com a Rio-Bahia, a Sudene, a industrialização e a migração rural. Ficamos dez anos fora da cidade e agora muita coisa mudara. A cidade crescia para os lados. Criava-se uma situação social e humana caótica. Época do exagero da droga. Liberaram a pílula anti-



concepcional e o sexo. As mudanças aconteciam com muita rapidez e Seu Luís estava no centro de todas elas. Era como se sentíssemos que a natureza e a vida estivessem sendo consumidas e a possibilidade de fazer algo fosse quase nula. Era como se um novo tipo de imperialismo tivesse dominado o mundo. Não havia com o que lutar e, para Seu Luís, sobreviver era a única alternativa.

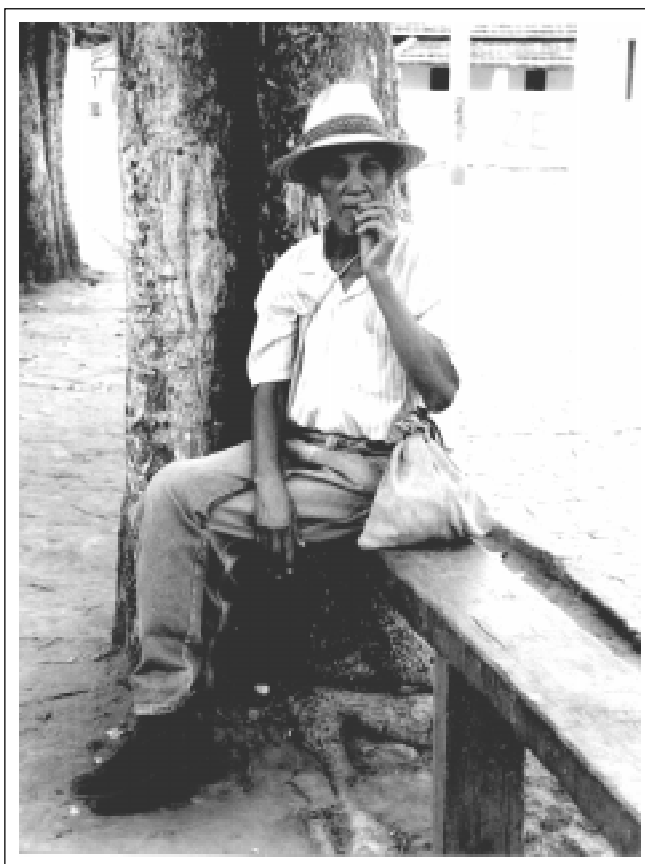
Entretanto, estávamos envolvidos com movimentos culturais, sociais, políticos e achávamos, apesar de tudo, que mudaríamos o mundo. Como nos quatro cantos do país, respirava-se na cidade uma grande esperança por mudanças. Centenas de pessoas foram presas e torturadas. Dessa, Seu Luís se livrou porque não era comunista. Os latifúndios estavam ficando vazios porque o Estatuto da Terra, lançado em 1964, pelos militares, mudava as relações entre fazendeiros e agregados, expulsando os agregados. Por outro lado, a Sudene investia na industrialização, lançando apelos para a migração rural. Dessa, Seu Luís não escapou. Querendo ou não, estava sendo conduzido, sem sua própria vontade, para onde nunca imaginou que pudesse chegar.

Tonim Rebello era o prefeito e fazia a melhor administração até então e, inaugura, em 1979, o Centro Cultural, sob a direção de Clarice e Rita Maciel. O Centro torna-se um palco histórico para o movimento cultural dessa época. Foi com o apoio total de Clarice e Rita (que veio a ser Balaio Alves do Carmo, anos mais tarde) e, no meio desse intenso agito, que lançamos “Você sabe o que aconteceu em Montes Claros dia 13 de agosto do ano passado?”.

O livro, como diz Cláudia Regina de Almeida, que conheci menina-socióloga e hoje nos encanta como mulher-socióloga-professora, é uma saga, de parte da nação caipira brasileira, fincada neste sertão. Um povo de origem específica, de algumas regiões, de quatro estados brasileiros: Minas, São Paulo, Goiás e Mato Grosso, com a mesma origem étnica/cultural. Os paulistas e os mato-grossenses com um acento maior do tupi-guarani. Nós, no Norte, e os goianos, puxando mais para os tapuias. Da África, como dos dóceis índios brasileiros, todos herdamos uma multiplicidade de línguas, costumes e etnias culturais. A mesma mistura das três raças, negra, índia e branca, na origem do

povo caipira, deu num povo único, novo no planeta, com características culturais próprias, mas com toda a pluralidade universal. Uma cultura sem preciosismos raciais. Nem Monteiro Lobato quando criou o Jeca Tatu conseguiu estereotipar o povo caipira como atrasado, preguiçoso, doente e sujo. É só conhecer Seu Luís para se ter certeza disso. Ao contrário, é um indivíduo austero, elegante, educadíssimo, fala manso e pouco, mas com significado. Dizer que a nação caipira é ignorante porque tem origem indígena e negra e que suas poucas qualidades são provenientes do povo europeu é esquecer que até comer com garfos e pratos os árabes ensinaram aos europeus. Na Idade Média, os europeus tinham uma vida absolutamente rudimentar. “Você sabe o que aconteceu em Montes Claros dia 13 de agosto do ano passado?” traz também este forte apelo de brasilidade. Teria sido uma tentativa de descobrir este povo que faz parte do cerrado, que as bandeiras paulistas trouxeram à tona.

Seu modo de vida natural, arredio, construtor de sua própria moradia, do seu alimento, da sua arte, da sua vida - seu labor é inerente às suas necessidades - torna o caipira singular como os povos da floresta. Daí que nasceu a base do desenvolvimento da língua falada no Brasil. Os mestres da língua portuguesa lutam desesperadamente para torná-la homogênea, gramatical, filológica. Mas, esses povos do Bra-



sil a transformam sempre, reinventam, recriam, em cada região, em cada cidade, em cada comunidade. É uma língua resistente, que estabelece uma declaração de independência e valoriza a identidade nacional, na tentativa de lutar contra os preconceitos que a linguagem clássica lhes impinge. Ridiculariza-se o caipira como se ele fosse sinônimo de sem instrução. Mas que instrução? De dominar a complexa gramática das línguas neolatinas? E quem domina? Cada grupo apenas tem o seu vocabulário.

O seu mundo é a natureza e é para ela que ele se volta, mesmo assim, quando comunica, seu discurso é curto, não linear, cheio de floreios significativos, claro, objetivo. Se precisar, até dissimula. O leitor me desculpa se, às vezes, divagueio, mais porém, é para que os netos de Seu Luís, ao lerem esta história do avô, saibam de que berço são. Sendo assim, é um livro que esboça variadas teses que fui descobrindo ao longo do tempo,

de tanto ler suas histórias. O livro que mais li foi meu próprio livro, como se eu não fosse o seu autor.

A capa foi uma criação de quatro mãos. Eu, Sílvia, Joaquim e Calu. Nessa época, morávamos juntos, eu e Joaquim, foi ele quem escreveu o prefácio e que você, antes de mim, já leu na “Verde Grande”. É um prefácio imenso que aborda, inclusive, a questão da es-

querda no Brasil, com relação à situação das migrações rurais e seus impasses com os sindicatos dos trabalhadores urbanos, com o aumento repentino da oferta de mão-de-obra nas cidades. Isso era em 1976. Pedi a ele



que excluísse do texto a crítica contundente à esquerda. Ele não aceitou. Mas acabei convencendo. Hoje, eu daria tudo para reencontrar aquele texto original de Joaquim. Seu Luís sempre me perguntava quem eram os velhinhos da capa. São gente da região de Tabúas, do Estreito. Seu Chico Esteves e sua mulher.

O livro trouxe vários fatos importantes na minha vida. Talvez, um deles foi saber, através de Ucho, que Darcy Ribeiro havia não só lido o livro, mas sublinhado frases, feito comentários em suas páginas e que quisera me conhecer pessoalmente. Doutor Mário Ribeiro, segundo Uchão, até teria pedido a Darcy para comentar sobre o livro na grande imprensa. Quem sabe assim surgiria uma editora, pois sua edição era de produção independente. Mas não foi ainda daquela vez. Não encontrei Darcy, nem ele escreveu sobre o livro. Paulo Henrique Souto me confienciaria mais tarde que, para escrever “O Mulo”, o mestre Darcy Ribeiro teria se inspirado em “Você sabe o que aconteceu em Montes Claros dia 13 de agosto do ano passado?”. O que conteceu depois disso é que meus filhos Marçal, Raiana, Taíra, João Terra e Guilherme acabaram se tornando os novos livros da minha vida.

Mas, hum, cum, cum!, vamos voltar à história de Seu Luís. Prest’ atenção p’cê ver. O que que a história de um homem simples, da roça, com idade beirando os 50 anos, pai de

12 filhos, entre homens e mulheres, pode interessar a um leitor que tem, pela Internet, o mundo em suas mãos? Eu conto, reconto e até tresconto, se for preciso, porque prá mim é de suma importân-

cia que você chegue ao final dessa história. E nos nove fora, o que que a história de Seu Luís tem a ver com o advento da Sudene na região do sertão? Quer ver, escuta. Mesmo que seja uma ficção, de tudo não posso mentir. Acrescento um trezimo aqui, outro ali, criando estilo, como o mestre Rosa. Mas, de um modo ou de outro, é a verdade que digo.

Histórias reais são inenarráveis, o leitor há de concordar comigo, mas a história de Seu Luís é uma história que não contei no meu livro porque, quando o conheci, o livro já estava pronto e lançado. Mas é uma história que o leitor deveria conhecer. Insisto em contar, porque, de repente, é a nossa própria história.

Expulso das terras onde ele vivera por mais de 50 anos, namorou, noivou, casou, construiu uma família e entre filhos e filhas, rumou para Montes Claros. Sem qualificação profissional urbana. Sabia tirar leite, cuidar dos bichos, cuidar da lavoura, conhecia a mata como ninguém, e o Rio Verde era seu grande amigo e aliado na criação da família.

Conheci Seu Luís numa situação mais ou menos parecida com a minha, só que ao contrário. Eu havia escrito um livro sobre a migração para a cidade, mas estava voltando para a roça. Encontrei com Seu Luís vindo da roça para a cidade, morando de favor na

chácara de Celina, uma das minhas irmãs. Recém-casado com Rita e na fase de transição para a roça, também passei por essa chácara. Quando vinha à cidade, ficava em um barraco de três cômodos porque ainda não tinha filhos. Seu Luís morava ao lado, numa casa maior, por causa do monte de filhos.

Não parávamos de conversar e tomar café. Seu Luís tomava café demais! Estatura mediana, caipira fornido, apesar de tudo, não demonstrava desespero. Por fé de Deus, com certeza. Mas ali estava ele com seus 12 filhos: sete mulheres e cinco homens. Morenado e sua mulher também de feições morenas, iam deixar pra eternidade uma prole bonita, especialmente as meninas. Fazia cigarros de palha e fumava com extremo prazer.

A história de Seu Luís era como segurar uma brasa quente em minhas mãos. Você já percebeu isso. Diferente das do livro, que eram histórias contadas, acontecidas. A dele não, estava acontecendo, ia acontecer. Será que eu poderia fazer alguma coisa para mudar o rumo daquela família? Uma simples história é capaz de mudar a vida de uma pessoa?

Durante as noites que eu e Rita íamos a casa de Seu Luís ou ele vinha à nossa, com sua família, tomávamos café com biscoito e, além de conversar sobre nossas vidas, cantávamos para eles. Existia uma alegria.

Quem sabe contar mesmo a história de Seu Luís é ele próprio, mas para o leitor apressado eu adianto: ele não poderia ficar por muito tempo naquela casa onde estava. Um trabalho teria que aparecer. Alguma coisa haveria de acontecer na vida de Seu Luís. O restantzinho da pequena economia que fizera estava chegando ao fim. Dos filhos casados, só tinha notícias. Uns permaneceram como vaqueiros. Outros, vieram pra cidade, iam tentar aprender a ser pedreiro, pintor de parede, barbeiro, carpinteiro.

Rita era diretora do Centro Cultural e eu estava acabando de construir a casa que iría-

mos morar, em Tabúas. Um lugar encantado. Uma beira de rio maravilhosa, amena, fresca, saudável, terra de primeira qualidade. Firmei que levaria seu Luís para morar com a gente. Rita achou que eu tava ficando doido. Apesar do monte de filhos, a gente se arrumaria. Assim é a vida de todo brasileiro. Mas precisava falar isso com Seu Luís. Me preparei.

Apesar de ter ficado uns quinze dias na Roça, longe do meu amigo, quando cheguei, nada havia mudado em sua vida. Esperei a noite chegar. Fui visitar a família. O fogão de lenha aceso, a chaleirinha com água quente no fogo, a esperança do café gostoso de Dona Nem, esposa de Seu Luís. Não havia como não falar com ele da possibilidade de resolver sua situação, levando ele e sua família para minha casa, recém construída, em Tabúas. Rolou a prosa.

Escutei outras incríveis histórias da vida de Seu Luís. As gigantescas enchentes do Rio Verde, deixando vazantes férteis, alimentando com suas águas dezenas de lagoas que se espalhavam pelo seu dorso, quantas delas, quanto peixe, quanta caça, durante águas e secas. As jaboticabeiras próximas da Estação de Uratinga, na beira do rio. Mais de mil. Quanta fruta dava nas vazantes daquelas águas. Quantas aves e pássaros. O Rio Verde é povoado de latifúndios, mas foi o seu povo quem fez a sua história.

Nunca me pareceu que Seu Luís tivesse muita preocupação com a educação dos filhos, com o futuro dos filhos. Estavam no mundo, como qualquer outra ninhada. Cada um cuida de si, a natureza é pródiga e ninguém morre de fome. Cada um com seus problemas. Seu Luís era um ser humano saído das entranhas da natureza e me parecia difícil sua adaptação à cidade.

Nesta noite, lutei e relutei: ele foi inflexível. Vou me arrumar por aqui mesmo, disse, num misto de tristeza na fala e no olhar. A cidade tá crescendo, João Balai. Vai instalar muitas indústrias, Seu João Balai. Vai ter muito emprego pro

povo, ele dizia. Tive ímpetos de esclarecer para ele toda a situação. A ilusão das indústrias. A Sudene investia apenas nas grandes indústrias e nos latifúndios, nos gravatinhas. Esses modelos não geram tanto trabalho, nem renda. Se havia muito trabalho nas fazendas e existiam as terras de meia e de terça para plantar, a partir daquele instante, nem isso passaria a existir.

Porém, não queria ser tão pessimista com Seu Luís. A verdade, tanto de um lado como de outro, era de total desolação. Não havia escolha. Não havia como ficar na roça porque, no Estatuto da Terra, a lei do agregado foi cumprida com rigor: os latifúndios expulsaram de suas terras quem nelas viviam ou plantavam. Agora, era viver ou morrer na cidade. Foi isso que Seu Luís decidiu. Tudo bem. Me tornei em volta de muitos outros assuntos. Ele saiu e voltou, andando com seu passinho miúdo, sem rompante. Recomeçou a conversa, disse: mas a gente se ajeta de uma forma ou de outra. Nessa hora, o povo dele todo já dormia. Mas, eu sei. Seu Luís não dormia direito desde que chegara. O fogo do fogão ainda estava aceso porque toda hora ele acendia seu cigarro de palha nas brasas. E o bulim de café, em cima da chapa do fogão, já não estava tão quente assim. A madrugada chegara. O friozim do cerrado deixava a gente encolhido e com vontade de deitar, mesmo que fosse para não dormir.

No outro dia, acordei bem cedo. Encontrei Seu Luís de pé. Me esperando. Cigarro de palha na boca. Cheiro forte de fumo de rolo. Vestido com camisa e calça de brim, tecido de algodão, bem limpas, bem passadas. Par de botinas pretas nos pés. Chapeuzinho de napa na cabeça. Me pareceu que iria providenciar alguma coisa importante. Queria saber se eu ia voltar pra roça naquele dia. Disse que sim. Senti que nossa amizade havia despertado em Seu Luís um grande afeto. Apesar do caipira sempre dispensar o abraço e, nem sempre, cumprimentar apertando a mão com força, não me contive e abracei meu amigo.

Voltei pra Tabuas. Me ocupei de plantar alho e organizar a associação dos moradores. Toquei minha vida. Ele, a dele. Muito tempo depois, Celina me deu notícias do estimado amigo. Como as histórias do meu livro, ele havia caído pelas periferias longínquas da cidade, construído sua casa num pequeno lote comprado às duras penas. Dos filhos casados, quatro haviam construído também suas casinhas no mesmo lote, usando da mesma água e da mesma energia elétrica.

E Seu Luís? Aposentou. Vive dos aposentados. Cria alguns netos, filhos de suas filhas, mães solteiras. Ele vive agradecido a Deus. Mesmo vivendo de remédios. Não gosta de ver televisão, mas adora o radinho. Da roça, muitas lembranças. Do Rio Verde lembra até da família de capivaras conhecidas suas. Falava: o Rio Verde tá com 'ai' eu, sem saber até aonde vai. O Rio Verde sou eu.

As vezes, dá um pulinho por lá para matar saudades. Mudar para a roça? Não há como. Espera que os filhos um dia possam comprar um pedacinho de terra na beira do Rio Verde, onde ele possa ser enterrado dignamente, trem remotíssimo. Seu Luís também não é de ficar chorando o leite derramado. Deus quer que a gente olha para frente, costumava dizer. Talvez, se tivesse ficado na roça, os filhos nem tinham aprendido a ler e a escrever. Nem tinham uma profissão. Seriam agregados até hoje. Agora, não. Tem sua casinha montada, com água e luz. Agradece a Deus. Ele sabe que gosto muito de café e sempre me mandava recados: você prometeu que um dia ia contar minha história, como no seu livro, pra meus netos lerem. Promessa cumprida. Minha e do leitor.

Mas, gostaria de fazer um último pedido antes de terminar esta história: onde quer que Seu Luís esteja agora, peço que alguém leia esta história para ele. E diga que estamos lutando para salvar o Rio Verde e as capivarinhas amigas dele.